

Contribuições das

# CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA  
(ORGANIZADOR)

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

Contribuições das

# CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA  
(ORGANIZADOR)

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Contribuições das ciências humanas para a sociedade 2

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Fabiano Eloy Atílio Batista

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C764 Contribuições das ciências humanas para a sociedade 2 /  
Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa  
- PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-898-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.981221802>

1. Ciências humanas. 2. Sociedade. I. Batista, Fabiano  
Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Caros leitores e leitoras;

A coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**', dividida em dois volumes, reúne textos de autores e autoras nacionais e internacionais que propõem em trazer discussões atuais, críticas e necessárias sobre a importância, bem como as diversas contribuições dos estudos na área das Ciências Humanas para a sociedade.

Assim, ao longo dos 35 artigos podemos vislumbrar uma série de indagações, questionamentos e reflexões, que negam, afirmam e constroem saberes para que possamos entender e ampliar nosso repertório de conhecimento sobre as mais diversas sociedades e culturas.

Ao longo do primeiro volume é exposto um conjunto de textos que tematizam sobre um panorama nacional, enfatizando, sobretudo, as contribuições das Ciências Humanas para compreensão das dinâmicas e interações no Brasil. Assim, as principais abordagens e temáticas deste volume são: questões regionais, política e planejamento, educação e ciência, representações sociais sobre a velhice, agricultura familiar, questões mercadológicas, condições de trabalho, religião, dentre outros temas que exploram, cada qual a sua maneira, a realidade brasileira e as múltiplas relações com as Ciências Humanas.

No segundo volume os textos reunidos discutem sobre as produções das identidades, subjetivações, metodologias e epistemologia das Ciências Humanas, questões sobre a comunidade surda, juventude, suicídio, vida e morte e processos discursivos, se consolidando como uma abordagem multidisciplinar dentro das Ciências Humanas.

Neste sentido, podemos compreender, a partir das leituras, que as contribuições das Ciências Humanas, ao longo dos anos, nos permitem, conhecer nossa história, a história dos outros, entender o homem e a sociedade como um todo. Suas contribuições nos fornecem informações sobre Política, Mercado, Trabalho, Artes, Natureza, Relações Sociais, dentre outras instâncias da vida humana que precisam, cotidianamente, serem perscrutadas, remexidas e revisitadas, pois todas essas informações fazem de nós seres críticos e nos permitem a entender a realidade a nossa volta.

Por fim, esperamos que a coletânea '**Contribuições das ciências humanas para a sociedade**' possa se mostrar como uma possibilidade discursiva para novas pesquisas e novos olhares sobre as contribuições das Ciências Humanas para a sociedade, buscando, cada vez mais, uma ampliação do conhecimento em diversos níveis.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista



## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

UM OLHAR DISCURSIVO SOBRE A PRODUÇÃO IDENTITÁRIA E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DOS INDÍGENAS EM MATERIAL DIDÁTICO PUBLICIZADO NO CIBERESPAÇO

Icléia Caires Moreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218021>

### **CAPÍTULO 2..... 16**

QUESTIONAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS CONTEMPORÂNEOS: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ENSINO DA METODOLOGIA DE PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS


Amilcar Baiardi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218022>

### **CAPÍTULO 3..... 28**

LOS CAMINOS EPISTEMOLÓGICOS EN LA OBRA DE PIERRE BOURDIEU: CIENTIFICISMO, REFLEXIVIDAD Y SENTIDO COMÚN

Pedro Robertt


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218023>

### **CAPÍTULO 4..... 41**

ETHOS DA IDENTIDADE CULTURAL EM STUART HALL

Marcelo Manoel de Sousa


Saraí Patrícia Schmidt

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218024>

### **CAPÍTULO 5..... 56**

SLAM SURDO: POESIA ORAL INCLUSIVA E ENGAJADA EM ESPAÇOS URBANOS CONTEMPORÂNEOS


Wanderlina Maria de Souza Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218025>

### **CAPÍTULO 6..... 67**

DIFERENÇAS ENTRE FALA E ESCRITA DO SURDO: REFLEXÕES TEÓRICAS SEGUNDO UMA EXPERIÊNCIA PRÓPRIA

Ana Paula Oliveira e Fernandes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218026>


### **CAPÍTULO 7..... 84**

PROPOSTA DE UMA METODOLOGIA PSICOSSOCIOLÓGICA DE ANÁLISE DE DISPUTAS E RIVALIDADES EM CENÁRIOS SOCIAIS

Jair Araújo de Lima

José Jorge de Miranda Neto


Juliane Ramalho dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218027>

**CAPÍTULO 8..... 105**

PREVENÇÃO DO SUICÍDIO EM JOVENS: A RELEVÂNCIA DA AUTOESTIMA

Hanna Helen Gadelha de Souza Othon

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218028>

**CAPÍTULO 9..... 110**


ENTRE A GLÓRIA E A LOUCURA - A PERSONAGEM FEMININA NA PROSA REGIONALISTA DE *INOCÊNCIA*, *FOGO MORTO* E *LAVOURA ARCAICA*

Rafaella de Aragão Gonçalves Nakayama Borges

Maria Eduarda Stadnick de Medeiros

Rhayane Duarte Rabelo

Luciana de Cassia Camargo Pirani


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.9812218029>

**CAPÍTULO 10..... 126**

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA BIBLIOTECA ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE A OBRA O GUARANI EM HQ, DE LUIS GÊ E IVAN JAF

Yasmin Rodrigues Menezes

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180210>

**CAPÍTULO 11..... 139**

CONCEPÇÕES DE MORTE E MORRER DE DOCENTES DO CURSO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DA UERN: A VIDA, VALOR ABSOLUTO

Paulo Sérgio Raposo da Silva


João Bosco Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180211>

**CAPÍTULO 12..... 149**

A ESCRITA DE ARTIGOS CIENTÍFICOS E TEXTOS ACADÊMICOS: ACIMA DO BEM E DO MAL?

Flávio Luis Freire Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180212>

**CAPÍTULO 13..... 159**

A APLICAÇÃO DO INGLÊS INSTRUMENTAL COMO METODOLOGIA ATIVA EM PROJETO INTERDISCIPLINAR NO CURSO TÉCNICO EM QUÍMICA

Daniela Brugnaro Massari Sanches

Gislaine Aparecida Barana Delbianco

Ricardo Francischetti Jacob

Sérgio Delbianco Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180213>

<b>CAPÍTULO 14.....</b>	<b>168</b>
LA REPRODUCCIÓN DE LA ENSEÑANZA DE LA ENFERMERÍA EN GUANAJUATO	
Elia Lona Moctezuma	
Elia Lara Lona	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180214">https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180214</a>	
<b>CAPÍTULO 15.....</b>	<b>181</b>
O ENSINO DA SOCIOLOGIA: A IMPORTÂNCIA DA DISCIPLINA NO ENSINO MÉDIO	
Natalina Sousa Ferreira	
Karine Beatriz Nascimento da Silveira	
Josinete Pereira Lima	
Eleanor Gomes da Silva Palhano	
Sidclay Santos Furtado	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180215">https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180215</a>	
<b>CAPÍTULO 16.....</b>	<b>192</b>
PRODUCCIÓN DE ESPACIOS DE CONSERVACIÓN	
Amparo Albalat Botana	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180216">https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180216</a>	
<b>CAPÍTULO 17.....</b>	<b>211</b>
DISCURSO E REPRESENTAÇÃO EM “O JARDINEIRO TIMÓTEO”	
Maria Cecília de Lima	
Eliana Dias	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180217">https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180217</a>	
<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>223</b>
COM QUE ROUPA EU VOU: A FUNÇÃO SOCIAL DA ROUPA ENQUANTO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO VISUAL	
Adelci Silva dos Santos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180218">https://doi.org/10.22533/at.ed.98122180218</a>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>236</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>237</b>

## COM QUE ROUPA EU VOU: A FUNÇÃO SOCIAL DA ROUPA ENQUANTO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO VISUAL

Data de aceite: 01/02/2022

**Adelci Silva dos Santos**

<http://lattes.cnpq.br/3929219718246229>

**RESUMO:** Este artigo se propõe a estudar a apropriação da roupa ao longo do tempo como um instrumento de comunicação social que se presta a identificar seu usuário como membro desta ou daquela classe social, ou identificar a função que este ou aquele elemento desempenha dentro do núcleo ao qual pertence. Da mesma forma o artigo se presta a mostrar como a roupa pode marcar situações de convívio social tidas como importantes para seus usuários a ponto de imprimirem uma marca afetiva ou não naqueles que viveram tais situações. Se por um lado a vestimenta pode ser usada como ferramenta de identificação, por outro o texto mostra que ela também pode ser usada como instrumento disciplinador da conduta coletiva. Aliada a outros elementos como a maquiagem, os adereços e os acessórios, a roupa sempre assumiu um papel agudo na função de transmitir ao grupo mensagens específicas que são prontamente percebidas pelos demais. Ao longo do tempo o a roupa conseguiu dizer muito sem falar uma palavra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; sociedade; identificação; visual; Roupa.

**ABSTRACT:** this article aims to study the appropriation of clothing over time as a social

communication tool that serves to identify its user as a member of this or that social class, or identify the role that this or that element plays within of the nucleus to which it belongs. In the same way, the article lends itself to showing how clothes can mark social interaction situations considered important to its users to the point of print an affective mark or not on those who lived such situations. If on the one hand the clothing can be used as an identification tool, on the other hand the text shows that it it can also be used as a disciplinary instrument for collective conduct. allied to others elements such as makeup, props and accessories, clothing has always played a role acute in the function of transmitting specific messages to the group that are readily perceived by others. Over time the clothes managed to say a lot without saying a word.

**KEYWORDS:** Communication; society; identification; visual; Clothing.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho não tem a pretensão de traçar uma história minuciosa da roupa ou do vestuário, tanto porque esta não é a proposta desta pesquisa, quanto porque neste campo, a obra de Carl Kohler<sup>1</sup> parece ter atendido tão bem às expectativas que, para encontrar deficiências em seu trabalho e supri-las seria necessário um empreendimento de tal fôlego que não cabe neste experimento de iniciação científica.

Além do mais, o objetivo deste projeto caminha em paralelo com uma história da

<sup>1</sup> KOHLER, Carl. **História do Vestuário**. São Paulo: Martins Fontes. 1996

vestimenta, mas sua proposta é identificar a função social da roupa, de que forma seus significados são criados, apropriados por seus usuários e projetados sobre um interlocutor, bem como a maneira como este interlocutor interpreta, aceita ou rejeita tal significado imagético.

## **A Roupa No Comportamento Social**

É fato que, desde a muito a roupa deixou de ser um mero instrumento para proteger o corpo contra as intempéries do clima. Desde o surgimento das primeiras comunidades, indivíduos ou grupos começaram a usar elementos que os distinguissem dos demais em função de sua posição hierárquica ou das funções que desempenhavam no interior do grupo. Líderes tribais, caciques, pajés são apenas alguns exemplos disso.

Neste sentido, o vestuário ganha um grande e forte aliado, a maquiagem. É ela um complemento eficiente e de fundamental importância nesse diálogo visual que se estabelece nos mais diversos ambientes sociais da vivência coletiva. Seja a pintura corporal, ritualística ou de guerra, as tatuagens tribais, ou as faces brancas com círculos rosados do início da era moderna; tudo tem um significado e uma mensagem específica.

Da mesma forma, tão importante quanto a maquiagem na composição deste elemento de identificação social, são seus acessórios: chapéus, lenços, perucas, brincos, sapatos, cintos, colares e outros compõem uma rede de significados de maior ou menor repercussão em cada momento histórico ou sociedade em que são adotados.

E é assim, tentando caminhar em diálogo constante com estes três elementos; roupas, maquiagem e acessórios, que este estudo pretende mostrar o quanto a vestimenta evoluiu enquanto instrumento de comunicação social, seja a serviço da dominação seja a serviço da rebeldia, seja a serviço da paz ou do conflito e mesmo na construção de uma identidade individual ou coletiva. Quem consegue imaginar Mahatma Ghandi sem suas sumárias vestes brancas; São Francisco de Assis sem seu hábito; Lampião e seus cangaceiros sem seus famosos chapéus. É praticamente impossível imaginar Hitler ou Mussolini em trajes de festa ou esportivos. Suas identidades estão intimamente ligadas ao caráter marcial de suas fardas.

Com o sedentarismo e a organização das primeiras sociedades, funções específicas começaram a se distinguir, mesmo naquelas onde um sistema de solidariedade mecânica e uma ideologia coletivista sejam predominantes; assim, estas funções específicas precisavam de um elemento identificador, que personificasse toda a simbologia de sua função. Dessa forma máscaras rituais, cocares, pinturas corporais e tatuagens surgiram para cumprir esta função. Com o desenvolvimento das civilizações as classes dirigentes políticas, guerreiras e sacerdotais viram na roupa o objeto perfeito de comunicar à população a importância do papel por elas desempenhado na sociedade. Na Roma antiga, por exemplo, as classes politicamente dirigentes tinha consciência da importância de suas vestes para incorporar e transmitir a importância de suas funções na sociedade:

“os postulantes aos cargos públicos, em Roma, vestiam-se de branco, indício da pureza de suas intenções, e, por isso, chamavam os candidatos de *candidus-a-um*. A toga, como qualquer peça do vestuário, é uma informação inicial exercida pelo juiz, e a cor negra sinaliza seriedade e compostura e devem caracterizá-lo. Não se misturam trajes como não se usurpam funções, e assim, andou com razão um ex-senador ao dizer que “japona não é toga”<sup>2</sup>



Figura 1



figura 2

Fonte: <http://grupobonadea.blogspot.com.br/2012/07/lsergio-catilina-un-popular.html>

Fonte: <http://opiniaoenoticia.com.br/brasil/joaquim-barbosa-e-o-mais-novo-fenomeno-da-internet/>

Se por um lado o uso da roupa, das mais diversas cores e materiais, tem um leque variado de possibilidades, a ausência dela também está impregnada de significados. No caso do Brasil colonial, ainda no primeiro século da ocupação lusitana, sempre acompanhada muito de perto e intimamente pela igreja, a visão sobre a nudez variou conforme mudava a mentalidade dos ocupantes, a organização familiar ou quando mais forte se sentia a presença da Igreja.

Num primeiro momento, nossas índias nuas eram o mais puro significado de pureza “Não a toa, nossas indígenas eram consideradas pelos cronistas seiscentistas, criaturas inocentes. Sua nudez e despudor eram lidos numa chave de desconhecimento do mal, ligando, portanto, a ‘formosura’ à ideia de pureza”<sup>3</sup>. Não é sem motivo que essa nudez era desprovida da ideia do mal, pois este, o mal, veio para as américas no fundo das caravelas.

2 DAMIÃO, Regina Toledo. HENRIQUES, Antônio. **Curso de Português Jurídico**. São Paulo: Atlas. 2009. P21.

3 PRIORE, Mary Del. **Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil. 2011. P. 16

Num segundo momento, onde o mercantilismo mais forte e ávido, e as classes mercantis era conhecedora das práticas e produtos da Ásia, África e Europa, nossos colonizadores decepcionam-se com a falta de riquezas aparentes na colônia do Brasil e, assim, a nudez passa a ser associada com a ideia de pobreza:

“Mas, aí, a nudez não era mais símbolo de inocência, mas de pobreza: pobreza de artefatos, de bens materiais, de conhecimentos que pudessem gerar riquezas. Comparadas com as mulheres que nas gravuras representavam o continente europeu ou asiático, nossa América era nua, não porque sensual, mas porque despojada, singela, miserável. As outras alegorias – Ásia e Europa – mostravam-se ornamentadas com tecidos finos, joias e tesouros de todo tipo.”<sup>4</sup>

À medida que mais corriqueira se fazia a presença de colonizadores europeus em nossas terras, oriundos de uma Europa que experimentava os hábitos de etiqueta e “civildade” propagados pelo Renascimento, certas condutas culturais de nossos índios causavam agora um novo espanto nestes colonos e, claro, a culpa era da ausência de roupas:

“As interpretações então, se sobrepunham: passou-se da pureza à pobreza. E daí ao horror por essa gente que comia gente. Pior. À medida que os índios resistiam à chegada dos estrangeiros, aprofundava-se sua satanização. Para combatê-los ou afastá-los do litoral, nada melhor do que compará-los a demônios. A nudez das índias estava, pois, longe de ser erótica.”<sup>5</sup>

A nudez sempre fora vista com fonte de todo mal, ou, pelo menos, sua representação maior, não sem razão Mary Del Priore nos lembra que em todas as cenas onde os demônios recebem os pecadores, estes estão sempre nus, enquanto as almas puras sempre aparecem vestidos de camisola. A roupa é, nestes séculos, a contramão do pecado. “Vestí-lo era afastá-lo do mal e do pecado. O corpo nu era concebido como foco de problemas duramente combatidos pela Igreja nesses tempos: a luxúria, a lascívia, os pecados da carne.”<sup>6</sup>

A mesma autora, ainda discorrendo sobre o período colonial brasileiro nos alerta que a Igreja e a colonização católica, extremamente preocupada com a manutenção da santidade dos novos habitantes que aqui se instalam, tenta, sob a mesma batuta, reger a ausência de vestimentas pelo seu significado moral, e nesse caminho, preocupa-se também com o excesso de vestimentas, ou melhor, com o excesso de requinte das vestimentas, posto que este também pode encaminhar seu usuário para as trilhas do pecado, portanto, seu mau uso, aos olhos da Igreja, constitui-se num desvio da fé. O ponto de equilíbrio é a modéstia. “A ideia era a de que cobrissem os nus, retirando-lhes as armas da sedução. Mas que também se atacasse os que se cobriam com tecidos caros, perucas pomposas e maquilagem, sinônimo de luxúria e vaidade. Daí a importância da modéstia como sinônimo

---

4 Idem, ibidem

5 Idem p 17

6 Idem, ibidem

de pudor.”<sup>7</sup>

Mas numa colônia onde ver e ser visto faz parte de todo um ritual de reconhecimento da posição social de cada elemento, a modéstia tornava-se uma prática utópica, porquanto as convenções praticamente tornavam obrigatório o uso de elementos que distinguissem os supostos nobres do populacho, e nesse afã, nada parecia ser mais eficiente que a indumentária com a qual se aparece em público.

Nos idos de 1700, Castelo Branco, senhor de engenho na decadente economia açucareira da capitania da Bahia, apesar da crise financeira pela qual passava, preocupava-se em manter, portas afora, a aparência de fidalguia associada à sua família em particular e aos senhores de engenho em geral. Embora seus recursos não mais fossem suficientes para isso, sentia a necessidade de ser reconhecido como pessoa de boa cepa. E, por não ter camisas com as quais possa sair em público esbraveja:

“E como hei de luzir para manter nessa cidade, público, o esplendor, estimação e respeito da casa, pois fiquei em lugar de V. M. tratando-me com os melhores da terra diante dos quais é preciso que traje com o mesmo asseio e sendo impróprio que haja eu de andar sujo e roto como com efeito andava e não sei se ando [ainda].”

A autora que o cita assevera que “vestir-se com requinte e com tecidos importados e raros, falar bonito e pavonear opulência eram preocupações forjadas na privacidade, para serem exibidas na rua”<sup>8</sup>. Nada mais correto, e, nada mais necessário numa sociedade onde o “parecer” tornara-se mais importante do que o “ser”.

Ainda no século XVIII, quando a Capitania das Minas Gerais, experimentou rápido processo de urbanização e o povoamento tomou conta da região, fazendo surgir, como num livro de dobraduras, novas vilas como Mariana, Tejuco, Vila Rica, Ouro Preto, São João Del Rey e outros, também a roupa já era objeto de acaloradas discussões e, até, caso de polícia. Um dos grandes problemas da Capitania foi manter um comportamento exemplar dentro da moral cristã típica do mundo lusitano. No entanto, a grande concentração de homens, sejam escravos, libertos ou livres, em número muito maior do que o de mulheres, sobretudo mulheres brancas, para compor lares cristãos respeitáveis, tornou-se um problema delicado e de difícil solução.

A demanda masculina por sexo levou, naturalmente à existência de inúmeras rameiras que ofereciam seus serviços em certas casas, como bordéis e tavernas e também nas esquinas das vilas. Mas, a presença delas, pela sua grande utilidade pública seria não apenas tolerada, mas necessária se não fosse um porém: as suas roupas. O Conde de Galveias, Governador da Capitania de Minas Gerais, tentara retirar as prostitutas das ruas, mas, a insatisfação da população masculina que se utilizava de seus serviços foi tamanha que beirou a tumulto popular, fazendo com que o governante recuasse em sua decisão, sua

<sup>7</sup> Idem, p 20

<sup>8</sup> NOVAIS, Fernando A. e SOUZA, Laura de Mello. (org). **História da Vida Privada no Brasil Vol. 1: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras. 1997. P 289



alternativa então, foi impedir que as prostitutas se utilizassem de tecidos, acessórios e joias que, a princípio, eram uma representação social das mulheres de honradas famílias. As mulheres de “vida dissoluta” ostentavam então, signos sociais que não as representavam legitimamente porquanto eram identificadores de outra estirpe de mulheres.

Causava-lhe revolta o fato de estas rameiras “andarem em cadeiras e serpentinas acompanhadas de escravos, se atrevem irreverentes a entrar na casa de Deus com vestidos ricos e pomposos (sic)”<sup>9</sup>.

Ora, era preciso despir, parcialmente estas prostitutas, proibindo-as de usarem tais tecidos caros, joias e outras alfaías. Sua preocupação, sem contar em estragar os bons costumes, é que além de poderem incentivar as mulheres de bem a copiarem os seus modos lascivos de viver, existi também o risco de que algum desavisado confundisse a esposa ou filha de algum homem de honra com uma das mulheres de esquina.

Essa gritante necessidade, de marcar seu lugar pela rouparia com que se apresenta em público, chega ao século XIX e o atravessa em plenitude, alavancada por uma das muitas novidades deste século, a fotografia. Esta ajudou a nova elite do país, os senhores de café, a produzirem uma série de cartões de visitas, onde exibiam aquilo que representavam seu status e seu poder – os escravos. Nestes cartões os escravos eram representados “em trajes bem cuidados, as mulheres com turbantes e os homens de terno, mas todos sempre descalços”<sup>10</sup>. Ao menos nas fotos, os escravos saíam da miséria, pois sua pobreza não podia ser associada aos seus senhores, mas, os pés descalços ainda os prendiam ao cativoiro.

Na sociedade do Brasil escravocrata, onde a clivagem social era nítida “Um escravo de ganho podia ter meios para vestir calças bem-postas, paletó de veludo, portar anel, relógio de algibeira e chapéu-coco, mas tinha que andar descalço, sinal de seu estatuto de cativo.”<sup>11</sup> Não se podia confundir os atores nesse palco.

---

9 Disponível em [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300885122\\_ARQUIVO\\_ArtigoRENATODIA-SANPUH2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300885122_ARQUIVO_ArtigoRENATODIA-SANPUH2011.pdf).

10 NOVAIS, Fernando A. e SOUZA, Laura de Mello. (org). **História da Vida Privada no Brasil Vol. 2: Império: a corte e a modernidade nacional**. São Paulo: Companhia das Letras. 1997. P 205

11 Idem. P 80



Figura 3 / 4

Fonte:<http://www.historia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=50&evento=1>

Fonte:<http://blogs.odia.ig.com.br/historia-do-dia/2014/07/15/sapatos-sinonimo-de-liberdade/>

Parece ser apenas nas fotos montadas, seja nos estúdios ou nas fazendas, que os trapos típicos dos escravos de roça, eram substituídos por tecidos finos e outros atavios que, cotidianamente estavam longe de suas realidades, apenas escravos de ganho, salvo os pés, vestiam-se distintamente, seja pela natureza de seu trabalho, como era o caso das prostitutas, seja pela falsa noção de liberdade e renda que o trabalho urbano lhes proporcionava. No mais, as fotos de divulgação da pompa patriarcal mostravam outra imagem:



"A ama, sentada, os braços apoiados, vestida com elegância e trazendo uma medalha no pescoço, é fotografada com o menino ao seu lado, (...) O negro idoso, de fraque, colete, gravata-borboleta, bengala e cartola, posa sentado e cansado por não ter sido dono da própria vida." <sup>12</sup>

Os negros que compõem a foto devem fazer jus ao grupo familiar ao qual servem.

Em 1850, o apogeu do café aliado à inauguração de uma linha regular de navios a vapor entre a principal cidade da América do Sul – o Rio de Janeiro - e Liverpool, na Inglaterra, vai trazer para a Corte e as cidades do café a satisfação de um dos desejos mais fortes da elite brasileira, a europeização de seus hábitos e de seus costumes. Assim a moda europeia invade as ruas, igrejas, praças, lojas, vitrines e classificados dos jornais da segunda metade do século XIX em diante<sup>13</sup>. A alta estirpe do Brasil copiará, em seus aparecimentos públicos a moda da burguesia rural francesa, enquanto no interior da casa a sisudez de suas vestes contrastava com a ostentação de suas vidas públicas.

O *frisson* da fotografia aquece o comércio de tecidos finos, "modernas fazendas", bem como roupas prontas, para abastecer as lojas de moda que se multiplicavam pela corte e pelas principais cidades do Vale do café, como Vassouras, Valença, e Paraíba do Sul. O estilo, esperava-se, viria da família imperial. O que ela vestisse, os súditos vestiriam também.<sup>14</sup>

Se por um lado roupa, maquiagem e acessórios serviam com identificador social e reafirmação do status de cada camada nas quais se dividiam os moradores do Império, e de seu desejo de europeizar-se, por outro, ela servia como uma ferramenta a serviço da xenofobia e xenelasia de alguns poucos intelectuais nacionalistas, é o caso do jornalista e político baiano, Cipriano Barata, sempre avesso às novidades e costumes ultramarinos, e que fazia do seu vestir uma extensão de sua voz e de sua pena "Só trajava roupas tecidas de genuíno algodão brasileiro e cobria-se com um chapéu feito de palha de carnaúba."<sup>15</sup>

Outros nacionalistas, tão ferrenhos quanto Barata, traziam na cabeça o protesto visível de sua aversão à influencia estrangeira e à ideia colonialista que ainda vigia no século XIX. Estes, ao cortarem os cabelos, o faziam de uma maneira que, ao pentearem, tornava bem visível uma risca aberta no penteado, que, em protesto ao "jugo colonial", chamavam de estrada da liberdade.<sup>16</sup>

Ao longo do tempo, parece inquestionável que a roupa e a maneira de se vestir venham assumindo cada vez mais um papel de identificação social, que desenvolva uma noção de pertencimento ou, ao menos, represente este desejo e busca por uma inclusão a um grupo que esteja imediatamente superior ao nosso nas escalas de consideração social. Não se trata mais das vestes do clero, dos nobres e dos camponeses; ou dos senhores e

---

12 Idem, p 207

13 Idem, p 37 - 40

14 Idem, p 209-210

15 NOVAIS, Fernando A. e SOUZA, Laura de Mello. (org). **História da Vida Privada no Brasil Vol. 2: Império: a corte e a modernidade nacional**. São Paulo: Companhia das Letras. 1997. P 60

16 Idem, ibidem

escravos e muito menos o uniforme de operários ou atletas. Mas do homem comum que no seu cotidiano procura na roupa um veículo que o possa projetar socialmente e fazer visível para todos o seu sucesso material por meio da ostentação de sua vestimenta.

Ainda na primeira metade do século XX, o sambista carioca Noel Rosa, compôs uma interessante melodia que nos transmite, de maneira bastante clara, essa ideia de usar a roupa como uma ferramenta para projetar uma imagem que nos faça ser aceito em outras esferas sociais. Trata-se do samba “Cem Mil Reis”, onde o diálogo do casal constitui-se na letra do samba:

Cem Mil Reis. Noel Rosa<sup>17</sup>

Você me pediu cem mil réis,  
Pra comprar um soirée, e um tamborim,  
O organdi anda barato pra cachorro,  
E um gato lá no morro, não é tão caro assim.

Não custa nada, preencher formalidade,  
Tamborim pra batucada, soirée pra sociedade,  
Sou bem sensato, seu pedido atendi,  
Já tenho a pele do gato, falta o metro de organdi.

Sei que você, num dia faz um tamborim,  
Mas ninguém faz um soirée, com meio metro de cetim,  
De soirée, você num baile se destaca,  
Mas não quero mais você, porque não sei vestir casaca.

É interessante notar que os interlocutores, um casal de namorados, discutem sobre algo que lhes parece coisas do seu cotidiano; uma roda de samba e outra que, ao mesmo tempo em que atija a ambição da moça, parece produzir no rapaz certa aversão – as altas rodas sociais. Chama atenção o fato de ela querer frequentar ambientes mais sofisticados sem, no entanto, abrir mão de suas raízes. Se por um lado o tecido de organdi, para a confecção do *soirée*, é na canção, o símbolo dessa busca pelo pertencimento a um grupo social mais elevado, o pedido de que ele lhe faça um tamborim, instrumento tradicional nas rodas de samba, representa a permanência inquebrável deste elo com sua origem.

Por fim a discussão termina com a negativa do rapaz em lhe dar o tecido de presente e o rompimento da relação. Não porque ele não tenha os recursos para comprar o que ela lhe pede, mas sim por um motivo muito mais interessante. O rapaz não sabe usar casaca. Não lhe passa pela cabeça essa busca por posições mais altas na sociedade, ainda que apenas de aparência. Talvez o jovem estivesse a prever seu constrangimento, envelopado em uma roupa que não lhe era comum ou natural, tendo de assumir hábitos que lhes eram

---

17 Noel De Medeiros Rosa: 1910 – 1937: cantor, compositor e violonista

estranhos, como estranhas seriam as pessoas da alta sociedade. Entre a preservação de sua autoestima e a do seu namoro, preferiu a primeira.

A roupa também, involuntariamente, serviu, e serve ainda, para marcar ocasiões, sobretudo aquelas que nos são mais caras, mais prazerosas ou que tenham maior significado. Eclea Bosi, ao escrever sobre a memória dos velhos, deixa escapar alguns detalhes reveladores de o quanto ficara gravada na lembrança dos velhos, as roupas usadas em momentos dignos de serem lembrados.

Dona Alice, uma de suas entrevistadas, faz menção constante das vestimentas do seu dia a dia, seja a que usava em ocasiões especiais, seja a de seus patrões. Sobre estes ela diz: “D. Messias, a mãe, andava com bata branca – naquele tempo o nome era *matinée* – entremeada com rendas valencianas e preguinhas, trazia sempre as chaves da dispensa no cós da saia”<sup>18</sup>. Interessante o que a fala de D. Alice deixa transparecer. A vida doméstica diferenciava-se nitidamente da vida pública. Em casa, a simplicidade da bata branca era o suficiente para revestir aquela senhora de toda a autoridade e respeitabilidade que necessitava. O discurso verificado no período colonial parecia reaparecer, a modéstia é o ponto do equilíbrio. Significativo também é fato de sua empregadora trazer sempre a chave da dispensa enrolada no cós da saia. Ela realmente cumpria com o papel de dona da casa, que regrava não apenas o comportamento dos criados como regulava também o abastecimento de toda a casa. Se o chefe de família provê a casa, sua esposa administra com zelo tais suprimentos; e, até neste momento, a imagem da patroa, sua autoridade e zelo ficaram marcadas não pela sua personalidade mas pelas roupas que esta vestia.

Talvez, por ter tão pouco, D. Alice prestava tamanha atenção nas roupas de cada ocasião, que cada pessoa vestia. Ela afirma que sua roupa limitava-se apenas às mudas que usava na oficina de costura na qual trabalhava, e onde havia faltado ao serviço, porque suas parcas vestes haviam se molhado, bem como seu único sapato, e ela não tinha com o que ir trabalhar.

Em outra ocasião, visitando o centro da capital paulista, o que lhe chama atenção é a vestimenta que as mulheres usavam corriqueiramente. “andavam de chapéu e luvas, como num passeio”, cena que parece bem diferente do interior onde havia nascido e vivido sua infância. Ainda relembando seus passeios essa senhora fala de um convite que recebeu de sua última patroa para conhecer o litoral de Santos. Nascida em Aparecida do Norte, pobre, tendo de trabalhar de aprendiz de costureira de segunda a sábado 13 horas por dia, talvez conhecer a praia de Santos jamais lhe passasse pela cabeça como uma possibilidade real. Mas aconteceu. “Nós fomos lá, arrumei um chapéu de organdi para poder ir pra Santos, foi a primeira vez que fui.”<sup>19</sup> O momento seria especial e, para tanto, era preciso estar a altura usando algo que marcasse a ocasião.

Mesmo na televisão, ainda que de maneira implícita, e nas animações destinadas

18 BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras.1998. p95, 96

19 BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras.1998. p 107

(ou não) ao público infanto-juvenil o uso de determinada indumentária está impregnado de significados. Na animação estadunidense “Os Simpsons”, um dos seriados de mais longa duração da TV, na 7ª temporada, intitulada “O time de Homer”<sup>20</sup>, o filho hiperativo de Homer, Bart Simpson e seu amigo Millhouse folheiam uma edição da revista MAD, onde estão exibidos vários slogans, um deles é exatamente aquilo que Bart queria.

Para atazanar a aula, coisa que parece ser o objetivo constante de Bart, ele retira sua jaqueta em plena aula e exhibe o slogan retirado da revista “Abaixo o dever de casa”. A reação é instantânea, Bart torna-se imediatamente o líder de uma rebelião de alunos que se estende de sua sala para toda a Escola Elementar de Springfield, causando a baderna e o furor do diretor Skinner. Não seria a primeira vez que peças de roupa estejam associadas à ideia de liberdade, autoafirmação e rebeldia. O cinema já havia mostrado para jovens de outras gerações estas mesmas ideias ligadas à jaqueta de couro e a camiseta branca de James Jim e Jon Travolta, cada um, a seu tempo, referenciais para os jovens que viam neles um líder que ditava moda e comportamento.

De volta ao seriado em questão “Os Simpsons”, para conter a revolta juvenil que eclodiu com a camiseta de Bart, o diretor Skinner contrata uma chefe de disciplina de hábitos rígidos que impõe, como primeira medida disciplinadora, o uso de uniforme escolar, cujo efeito imediato é quebrantar os ânimos, como se tivesse o poder sobrenatural de absorver todo o espírito de iniciativa própria. O comportamento de cada um se torna apenas parte de um comportamento coletivo desejado pela direção da escola. Este é, a princípio, o objetivo principal do uniforme seja militar, prisional ou escolar; padronizar aparências e comportamentos, retirando a individualidade em favor do coletivo.



Figura 5



figura 6

Fonte:<http://thesimpsonsforever.tumblr.com/post/8843803764>

Um exemplo desse quebrantamento causado pela indumentária é bastante pontual

20 Nome Original: “Team Homer” Primeira Transmissão: 07/01/1996 Temporada: 7 200px-3F10 Episódio nº 140 Código 3F10 Diretor: Mark Kirkland Escritor: Mike Scully Convidados Especiais: Doris Grau por Lunchlady Doris) Time de Homer é o 12º episódio da 7ª Temporada de Os Simpsons. Acesso em 15/07/2015

na peça teatral “Julia”, da diretora Christiane Jatahy<sup>21</sup>, que a vários anos corre os teatros brasileiros e é uma adaptação da peça “Senhorita Julia”, de August Strindberg. O enredo se desenrola em função da tórrida paixão que envolve Julia, vivida por Julia Bernart e Jelson, interpretado por Rodrigo dos Santos. Ela a filha da família. Jovem, branca e de atitudes mais rebeldes ou, na interpretação de alguns, uma garota de iniciativa. Ele, alguns anos mais velho, é o empregado da casa, o *chauffeur*, negro, filho do antigo jardineiro, crescera na casa e acompanhara a infância da menina Julia. Agora, ambos adultos, apesar da diferença social que os separa, vivem um caloroso caso de amor, aproveitando cada momento para entregarem-se um nos braços do outro.

Em uma dessas ocasiões em que a ausência de outras pessoas permitia, Julia, como de costume, procura por Joelson a fim de saciar seu desejo e entregar-se nos braços de ébano de seu serviçal e amante. Grande é sua surpresa, e raiva, ao ser rejeitada pelo rapaz. Depois de alguns minutos de discussão o motorista da casa revela o motivo de sua negativa. Estava uniformizado como empregado da família, e ao vestir sua roupa de motorista ele colocava-se em seu lugar de empregado, de serviçal, de subordinado e, em seu entendimento, não estaria em situação de cobiçar e muito menos possuir o corpo da bela Julia.

Sua roupagem de empregado havia quebrantado seu espírito de Priapo, e o tornará o mais impotente dos homens.

## CONCLUSÃO

Pode-se concluir então que, exceto talvez nos primórdios da vida em coletividade – resta ainda dúvidas se mesmo nestas primeiras comunidades não havia algum elemento que distinguisse guerreiros de líderes políticos e espirituais - a roupa sempre assumiu, de alguma forma, uma função social: fosse ela religiosa, militar, status, poder político ou qualquer outro.

Adaptando-se às modificações pelas quais cada sociedade de tempos e lugares diferentes passam, a vestimenta sempre carregou em suas tramas e costuras, em suas mangas e bainhas, uma carga mais do que suficiente de significados sociais que serviu como elemento de dominação ou de rebeldia, de propaganda ou de discordância, desempenhando então uma função muito além daquela pela qual originalmente teve sua gênese.

Imaginar o vestuário como um simples produto do cotidiano, seria esvaziá-lo de um universo de significados construído ao longo de uma longa linha do tempo. Seria furtar dele sua capacidade de construir identidades, sejam coletivas ou individuais. Suas formas, cores e fibras estão repletas de significações, algumas mais duradouras persistindo por milênios, e outras mais passageiras e efêmeras conforme determina o compasso da mídia

---

21 Direção e Adaptação Christiane Jatahy, com Julia Bernat e Rodrigo dos Santos.

que dita modismos consumistas.

Perceber e estudar a representação do comportamento social por meio da roupagem é uma temática que se revela surpreendentemente interessante, e que tem fôlego suficiente para mover um trabalho de pesquisa de maior monta, que extrapola os limites deste artigo limitado, e que fica aqui como uma sugestão para futuras pesquisas de maior envergadura.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.

DAMIÃO, Regina Toledo. HENRIQUES, Antônio. **Curso de Português Jurídico**. São Paulo: Atlas. 2009.

FIGUEIREDO, Luciano Raposo. **Barrocas Famílias**: Vida Familiar em Minas Gerais do Século XVIII. Hucitec. 1997

KOHLER, Carl. **História do Vestuário**. São Paulo: Martins Fontes. 1996

NOVAIS, Fernando A. e SOUZA, Laura de Mello. (org). **História da Vida Privada no Brasil Vol. 1: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras. 1997.

NOVAIS, Fernando A. e SOUZA, Laura de Mello. (org). **História da Vida Privada no Brasil Vol. 2: Império: a corte e a modernidade nacional**. São Paulo: Companhia das Letras. 1997

PRIORE, Mary Del. **Histórias Intimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil. 2011

Artigos em Meios Eletrônicos

[http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/O\\_time\\_de\\_Homer](http://pt.simpsons.wikia.com/wiki/O_time_de_Homer)

<http://christianejatahy.com.br/project/julia>

[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300885122\\_ARQUIVO\\_ArtigoRENATODIASANPUH2011.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300885122_ARQUIVO_ArtigoRENATODIASANPUH2011.pdf)



## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA** - Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica (PPGED) - área de concentração em Família e Sociedade - pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), atuando na linha de pesquisa Trabalho, Consumo e Cultura. É bacharel em Ciências Humanas, pelo Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora (BACH/ICH - UFJF); licenciado em Artes Visuais, pelo Centro Universitário UNINTER; e, tecnólogo em Design de Moda, pela Faculdade Estácio de Sá -Juiz de Fora/MG. Realizou cursos de especialização nas seguintes áreas: Moda, Cultura de Moda e Arte, pelo Instituto de Artes e Design da Faculdade Federal de Juiz de Fora (IAD/UFJF); Televisão, Cinema e Mídias Digitais, pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACOM/UFJF); Ensino de Artes Visuais, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACED/UFJF); e, Docência na Educação Profissional e Tecnológica, pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais - Campus Rio Pomba (IF Rio Pomba). Tem interesse nas áreas: Moda e Design; Arte e Educação; Relações de Gênero e Sexualidade; Mídia e Estudos Culturais; Corpo, Juventude e Envelhecimento, dentre outras possibilidades de pesquisa num viés da interdisciplinaridade.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adaptações literárias 126, 131

Adolescência 105, 106, 107, 108, 109

Análise do discurso 1, 3, 5, 14, 54, 55, 67, 68, 70, 71, 85, 96

Autoestima 105, 106, 107, 108, 109, 232

### B

Bourdieu 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 168, 172, 173, 175, 177, 179

### C

Ciências da religião 139, 140, 141, 145, 146, 147, 148

### D

Descentramento 41, 42, 43, 46, 47, 48

### E

Ensino Religioso 139, 140, 144, 146

Epistemologia 16, 17, 18, 20, 26, 40

### F

Fenomenologia 67, 68, 70

Formação do leitor 126, 128, 137

### G

Gênero feminino 111

Guia didático 1, 2, 3, 5, 7, 9

### H

História em quadrinhos 126, 128, 131

Humanidades 16, 17, 20, 145, 146

### I

Identidade cultural 41, 49, 50, 53, 54, 74

Indígena 1, 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 68, 114, 208

Indivíduo cartesiano 41, 47, 54

### L

Língua de sinais 59, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 81

Literário-político 56

Literatura 60, 63, 64, 65, 111, 112, 113, 117, 124, 130, 137, 138, 151, 179, 211, 219

## **M**

Metodologia 16, 17, 19, 20, 21, 26, 27, 39, 62, 67, 69, 84, 85, 91, 95, 96, 99, 106, 141, 159, 161, 166, 191

Morte 42, 43, 71, 74, 106, 120, 134, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

## **P**

Pesquisa 1, 2, 3, 6, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 39, 40, 54, 59, 65, 67, 68, 69, 70, 75, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 96, 97, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 115, 126, 128, 139, 141, 148, 152, 167, 181, 182, 186, 188, 190, 223, 235, 236

Pessoas surdas 56, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 76

Poesia oral 56, 59, 60, 62, 64, 66

Prosa regionalista 110, 111, 112, 113, 116

Psicossociologia 84, 102

## **R**

Reflexividade 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40

## **S**

Sentido común 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37

Slam surdo 59, 60, 62, 64

Sociología 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 179, 208, 210

Subjetividade 1, 6, 7, 11, 16, 19, 20, 25, 45, 46, 47, 48, 153, 156

Suicídio 105, 106, 107, 109

## **V**

Vivência 13, 67, 68, 70, 75, 76, 78, 80, 130, 224

Contribuições das

# CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2







-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

Contribuições das

# CIÊNCIAS HUMANAS

para a sociedade 2



 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

**Atena**  
Editora  
Ano 2022